ANO XI / MARÇO 1953 / N.º 103



Novellae

OLIVARUM

NOVELLAE OLIVARUM

REVISTA DOS ALUNOS DO SEMINÁRIO DE CRISTO-REI — OLIVAIS
COM A APROVAÇÃO DA AUTORIDADE ECLESIÁSTICA

Director — FERNANDO ALVES CRISTÓVÃO
Redactores — DOMINGOS LUÍS MORAIS
— MANUEL MARTINS HEITOR
Proprietário e editor — ALEXANDRE VILARINHO DAS NEVES
Administrador — JOÃO RABUGE GUERRA

CONDIÇÕES DE ASSINATURA — Assinatura anual (10 números) . . . 25$00

Composto e impresso na Sociedade Editora Ala Esquerda, L.ª — Beja — Telef. 263

SUMÁRIO

Escavações na Basílica Vaticana — A. Leitão 57

Gente de palmo e meio — Alves Guerra 62

Daniel Rops — Marques Dias 67

Teixeira de Pascoais — António T. de Sousa 71

Da iconografia cristã — O Pavão — B. Santos 78

Pela imprensa estrangeira — Hugo de Carvalho 80

Crónica — A. Tavares 82

O Livro de mês — Descoberta do Amor — A. Jorge 84

E. PINTO BASTO & C.ª, L.DA

LISBOA

TRANSPORTES MARÍTIMOS E AÉREOS

SEGUROS **CARVÃO**

REPRESENTAÇÕES
(INDUSTRIAIS, ETC.)

EXPORTAÇÕES

TRANSITÁRIOS

ETC., ETC.

NO PORTO

KENDALL, PINTO BASTO & C.ª, L.DA

FERREIRINHA

VINHO PARA MISSAS

Preparado conforme norma canónica e com a aprovação de Sua Excelência Rev.ma o Senhor Bispo do Porto

RUA INFANTE D. HENRIQUE
PORTO

ROSSIO, 93, 2.º
LISBOA

JÚLIO GOMES FERREIRA & C.ª, L.

A casa mais antiga do País no seu género

(FUNDADA EM 1832)

RUA DA VITÓRIA, 82 a 88 — RUA DO OURO, 166 a 170

Lustres — Lanternas — Placas — Casticais — Lâmpadas — Suspensões
Banheiras — Caldeiras — Esquentadores — Fogões de cozinha

INSTALAÇÕES

SANITÁRIAS — AQUECIMENTO CENTRAL — ELÉCTRICAS
CASAS DE BANHO — VENTILAÇÃO — CONTRA INCÊNDIOS
PÁRA-RAIOS — ASCENSORES — TELEFONES

TODOS OS TRABALHOS EM LATÃO E FERRO FORJADO

FUNDADA EM 1756

"CENACULO"

VINHO PARA MISSAS

Com a aprovação de S. Ex.ª Rev.ma o Sr. Bispo do Porto

REAL COMPANHIA VELHA

PORTO — Rua das Flores, 69

LISBOA — Praça dos Restauradores, 14

Grave na sua memória onde gravar os seus trabalhos



Fotogravura
ARMEIS & MORENO, LDA.
T.S. JOÃO DA PRAÇA, 38
TELEF. 28055
LISBOA

Escavações na Basílica Vaticana

— APOSTOLADO, MARTÍRIO, E SEPULTURA DE S. PEDRO EM ROMA —

O apostolado, martírio e sepultura de S. Pedro em Roma, é, hoje, uma verdade que um verdadeiro historiador não pode negar, sem correr o risco de se tornar escravo de falsos preconceitos e indigno da sua missão.

Na verdade, são muitos, claros e antigos os testemunhos que a provam.

Os mais recuados catálogos, chegados até nós, são concordes em apontar o Apóstolo S. Pedro como primeiro Bispo de Roma. Na primeira metade do II século, Papias, Bispo de Hierápoles e contemporâneo de sucessores directos dos Apóstolos, atesta que S. Marcos escreveu em Roma, o seu Evangelho, resumindo as pregações de S. Pedro nesta cidade. S. Clemente Romano (‹› 95), na sua epístola aos Coríntios, recorda os martírios de S. Pedro e S. Paulo e ajunta: «A estes homens de vida santa se uniu uma grande multidão de eleitos que, no meio de numerosos suplícios, deram, entre nós, um magnífico exemplo». (Ep. aos Coríntios, 5-6). O próprio S. Pedro expede de Babilónia a sua primeira Epístola (5-13). Mas, que Babilónia? A cidade decadente da Caldeia? Do Egipto? A pouca importância do Cristianismo nestas pa-



ragens e ainda a falta de tradição local, juntamente com o passo de S. João (Apoc. 16-19) e de S. Agostinho (De Civitate Dei (18-2 n.º 29) tornam altamente provável que o Apóstolo falava de Roma.

E, parece-me supérfluo nomear os testemunhos de: S. Inácio de Antioquia (‹› 107); S. Dionísio de Corinto (‹› 170); S. Ireneu (180), etc.. Basta apenas notar que estamos em presença dum facto que passou a ser negado, formalmente, só a partir do Século XVI. (!!!)

Mas até essa negação foi providencial porque despertou o interesse de muitos historiadores e estimulou os arqueólogos a uma tarefa, segundo parece, feliz.

*

* *

Num escrito de Gaio, presbítero romano do tempo de S. Zeferino (198-217), dirigido contra o hereje Proclo, lê-se claramente: «Eu posso mostrar-te os troféus dos Apóstolos; porque, quer tu vás ao Vaticano, quer sigas pela Via Ostiense, encontrarás os troféus daqueles que fundaram a Igreja de Roma — Pedro e Paulo — (Hist. Eclesiástica de Eusébio de Cesareia — 2-25). Estes troféus eram, evidentemente, dois pequenos monumentos mortuários sobre as sepulturas dos dois irmãos no Apostolado que, pela sua morte, haviam alcançado o triunfo da Glória eterna.

Supuseram os sábios — e com razão, portanto — que o túmulo do Príncipe dos Apóstolos devia ser na Colina do Vaticano. Mas urgia localizá-lo com precisão.

Quem estudou já alguma vez a História da Igreja sabe que o Cristianismo teve paz e liberdade, politicamente reconhecida em terras do Império, só a partir de 313, data do aparecimento do Edito de Milão. Era. nessa altura, Imperador, Constantino Magno. Este não se contentando simplesmente com reconhecer os direitos da Igreja, empenhou-se em edificar templos para o culto e à memória dos mais ilustres mártires.

É sabido como estes templos eram levantados de modo a que o Altar da Confissão (Altar Principal) se alicerçasse exactamente na sepultura do Santo. Este costume era tão seguido, que até (quando as dificuldades assim o exigiam) se preferia mudar o referido altar para lateral, a remover a sepultura do mártir: é o que se depreende dos documentos para a Basílica de S. Pancrácio na Via Aurélia e como também se nota na de S. Alexandre na Via Nomentana.

Como é natural, um dos primeiros templos erigidos por Constantino foi, justamente, o de S. Pedro e quem examinar a planta da actual Basílica, confrontando-a com a da primitiva, verifica que, tanto numa como noutra, o altar da Confissão ocupa a mesma posição.

Foi atendendo a tudo isto e a uma tradição venerável e secular, que os arqueólogos deram cumprimento às ordens do Santo Padre Pio XII, de Junho de 1939, começando as escavações na terra sagrada do subsolo do Altar da Confissão da grande Basílica de S. Pedro.

Os resultados foram cheios de interesse e grandemente concludentes. Eles nos permitem fazer uma história assaz clara do túmulo do Primeiro Papa.

*

* *

S. Pedro, provàvelmente, sofreu o martírio no ano 67 (segundo alguns 64) a meia encosta da Colina do Vaticano, no Circo de Nero. Em razão das provações e dificuldades por que a Igreja passava nessa época, é de supor que um cristão fiel, ou um grupo de cristãos dessem ao Venerável mártir humilíssima sepultura, em pequeno cemitério, sito nas redondezas. O santo cadáver foi envolvido num lençol, deposto, coberto com terra e uns simples tijolos como o de qualquer romano plebeu. Apesar de tudo, no entanto, aquela sepultura vulgar, cedo se tornava objecto de veneração. Logo que puderam, os devotos construiram sobre ela um pequeno monumento — o troféu de Gaio.

Segundo consta das escavações, as próprias sepulturas feitas mais tarde respeitavam aquela e dispunham-se à sua volta como se os fieis que ali queriam a sua última morada, estivessem mais seguros da Bem-aventurança pela intercessão do Apóstolo.

Os peregrinos afluiam de todos os pontos no decorrer dos tempos. Foram encontradas junto do túmulo, moedas em grande quantidade que provam isto suficientemente.

Devido à humidade do sítio e às frequentes aluviões, para defender a sepultura, levantaram os cristãos um pequeno muro. Nos restos deste, ainda se verificam hoje alguns grafitos. Os peregrinos, como se supõe, tinham interesse em deixar o nome gravado naqueles lugares e, às vezes mesmo, ajuntavam aos nomes umas orações breves. Um grafito é sempre uma preciosidade, quando ele vem de tão recuados tempos. Os grafitos daquela parede são ao que parece bastante antigos e estão postos como vulgarmente se dispoem escritos desta natureza: — sem

ordem e uns por cima dos outros. Ao centro ressaltam bem legìvelmente dois nomes que não têm grande interesse documental, assim como os outros, mas que surpreendem pelo estado em que se conservam: «VICTOR» e «GAUDENTIA». Este muro constitui um dos mais preciosos elementos que provam a estadia, naquele lugar, do corpo de S. Pedro.

Na mesma região, entre os túmulos de Acrópole pagã, nota-se uma sepultura mais ricamente decorada que as outras. Parece ter pertencido a uma família «Valério» que professava uma religião especial mas com uma crença mais ou menos fantasista de vida futura para além da morte. Entre as figuras de Apolo, deus do Sol, e de Marco Aurélio em atitude de libação, nota-se uma representação gráfica (talvez posterior) de uma «figura de velho, completamente calvo. fronte sulcada de rugas, olhos grandes e nariz pronunciado e com uma barba que descansa sobre a veste». Quem seja esta imagem no-lo diz a inscrição que está ao lado e que começa com a palavra «PETRUS». (1)

Este testemunho é anterior à construção da Basílica Constantiniana.

Mas não param aqui as informações. Encontraram-se ainda, restos do dito «troféu» de Gaio. Duas colunas e mais uns elementos. Por estas ruinas, fez um desenho de reconstituição o professor Apolloni. Segundo este distinto arqueólogo, o monumento seria, mais ou menos, o seguinte: um alpendre, sustentado na frente por duas colunas simples e atrás ligado ao muro; elevava-se dum pavimento de pedras ou de tijolos e tinha por cima uma espécie de nicho dentro do qual e no próprio muro se via uma abertura. Trata-se por conseguinte de uma modesta memória que assinalasse aos que por ali passavam a presença do túmulo do Príncipe dos Apóstolos.

Dizia-se que Constantino, levado sem dúvida pelos piedosos rogos de S.ta Helena, tinha ampliado e enriquecido o monumento, com uma forte guarnição de bronze; isto tornaria bastante fácil a identificação do que se pretendia encontrar, tanto mais que, segundo as mesmas vozes, o Imperador teria posto sobre o troféu uma grande cruz de oiro em que se viam gravados os nomes dele próprio e de sua mãe. Infelizmente não há notícias de nada disso, porque nada apareceu.

Não deixa de ser patente, no entanto, o achado do túmulo de S. Pedro. Encontraram-se durante as escavações, e já no período final e mais recente destas, uns ossos que foram examinados cuidadosamente. Nada se pode concluir de tais exames; tanto mais que, devido à grande humidade do lugar e ao bom par de séculos que já rolou, é de supor fraca

a esperança de encontrar os restos mortais, por bastante reduzidos que sejam, do primeiro Bispo de Roma.

Mas, surge uma dificuldade a tudo o que fica dito. Se isto é assim, como atender aos vários grafitos, (da segunda metade do século III) à inscrição métrica de S. Dâmaso, e a outros antigos documentos litúrgicos e topográficos que atestam a estadia dos restos mortais de S. Pedro no «Locus ad Catacumbas» (Igreja de S. Sebastião, chamada primeiramente «Basilica Apostolorum»)?

Dizem os sábios que terá havido uma trasladação dos corpos de S. Pedro e S. Paulo durante a perseguição de Valeriano (258). É de presumir tal opinião porque foi nesta ofensiva sangrenta contra o Cristianismo que pela primeira vez se desrespeitaram as próprias sepulturas.

Como é de prever, temendo qualquer violência nos túmulos de S. Pedro e S. Paulo, os cristãos trataram de levar os seus restos mortais para os cemitérios da Comunidade, considerados como propriedade particular, invioláveis, por conseguinte, à base do Direito.

Mais tarde, feita a paz e tudo serenado, voltaram aos seus lugares próprios os despojos mortais, onde servem de alicerce a dois templos em sua honra e onde têm sido, através dos séculos, objecto da devoção dos cristãos fieis.

É isto, em resumo, o que as escavações nos permitem explanar.

*
* *

Diz o Rev.º P.e António Ferrua, S. J., um dos sábios que presidiram às escavações realizadas que, para efectuarem os trabalhos, tiveram de triunfar do temor duma tradição constante que ameaçava com castigos imprevistos todo o que intentasse tocar naquela terra santa. E acrescenta: «Eu não acredito que tenha sido muito grande o nosso mérito ao triunfar deste temor reverencial. (...) A autorização pessoal do Santo Padre e o constante interesse que ele demonstrava pelos nossos trabalhos, foram para nós, o melhor encorajamento e a maior garantia de segurança». (2)

A. LEITÃO

(1) L'osservatore Romano — 22-XI-952.

(2) Études — Janeiro de 1952.

GENTE DE PALMO E MEIO

— UMA VISITA

Nunca o problema da educação foi alvo de tantas atenções como em nossos dias. Hoje impõe-se com clareza meridiana e acuidade extrema a preparação para a vida — outra coisa não é educar.

Sem grandes raciocínios se chega à conclusão de que a segurança de um edifício depende da solidez das bases sobre que assenta. De igual modo se vê como a vida dos homens está intimamente relacionada com o período infantil da sua existência. É logo desde a primeira infância que se assentam os alicerces e se lançam as traves mestras da construção admirável que deve ser a vida do homem. Daqui o interesse que o problema educacional desperta, e os cuidados postos em resolvê-lo.

*
* *

Levados pelo que ouvíamos dizer do conhecido jardim da infância «O Beiral», fomos um dia até ao Campo das Amoreiras. Acolheu-nos com a mais generosa bondade, a orientadora da Obra.

Sem aparatos de conferência, na simplicidade encantadora de um escritório que diz perfeitamente com o resto das instalações, expõe-nos a Senhora D. Maria Teresa Andrade Santos em linguagem simples e expressiva, como deve ser encarado o problema da educação dos pequeninos, à luz do que o estudo honesto, a experiência e sobretudo a fé lhe ensinaram.

A criança não é um adulto em ponto pequeno

Esta afirmação é já lugar comum. De facto, a criança tem um psiquismo completamente diferente. No adulto, as reacções são provocadas por ideias; na criança, por imagens. Para o adulto os conceitos, a abstracção; para a criança, o palpável, o concreto. Por isso a

educação deste período tem de ser feita, tanto quanto possível, pelos sentidos.

Note-se, porém, que a educação não é sinónimo de instrução intelectual. Educação é formação integral, que consistirá na infância, em proporcionar aos pequeninos, condições de poderem vir a ser homens completos.

O saber ler e escrever aparece na vida das crianças tal como o andar. É um facto episódico que virá a seu tempo. Não temos que necessitá-lo. E dizia-nos a Sr.ª D. Maria Teresa: «Uma das maiores dificuldades é precisamente esta, de fazer compreender aos pais que não há interesse, mais, que só há vantagens em as crianças não aprenderem a ler e escrever muito cedo. E já não falo da aprendizagem de línguas estranhas. De facto as mamãs gostam muito de que os seus meninos digam uma frase em inglês ou francês quando há visitas em casa...»

Ao contrário do que se poderia supor, estas crianças não são as que mais tarde darão maior rendimento. Um elástico que se mantém esticado por muito tempo, perde a elasticidade. Assim também a inteligência da criança acaba por perder a frescura e a maleabilidade, gastas inùtilmente na satisfação de vaidadezinhas tolas.

A nota mais característica da infância é a simplicidade. Nada de arrebiques. Antes de se procurar que a criança saiba distinguir o *d* do *b*, ou o *q* do *p*, ensine-se antes a diferenciar um cão de um gato, ou a perceber as diferenças entre um cão que tenha as quatro patas e outro que tenha só três ou a que falte o rabo.

Métodos vivos

Para interessar a criança, temos de lhe pôr em actividade todas as faculdades. Por exemplo, ao falar-se da África, faça-se uma palhota de pretos. («Faça-se» quer dizer: levemos as crianças a fazer...) Na África há bananas: mostrem-se as bananas. Há cacau, deixemo-las ver e cheirar o cacau. Do cacau faz-se chocolate, vamos também nós fazer chocolate. E o chocolate fabrica-se e come-se.

Queremos dar-lhes a conhecer a vaca e os produtos que dela derivam. Levemos os pequeninos a uma vacaria. «Ainda há poucos dias assim fizemos — afirma-nos a Sr.ª D. Maria Teresa: trouxemos leite e fizemos cá manteiga que se comeu no fim com grande alegria de todos. «Nunca comemos manteiga tão boa!», diziam. Calcula-se o in-

teresse que este estudo desperta nos pequenos. «Quando é que estudamos o açúcar? — perguntava um deles outro dia. Admirável este interesse... e científico, não acham?

Mas não é só, nem principalmente, a inteligência que precisa de ser cultivada.

Temos de lhes criar hábitos bons

Um dos pontos em que mais devemos insistir é na formação do espírito de camaradagem. Fazer sentir à criança que não é única no mundo, que vive em sociedade e que os outros também têm direitos. Inspirar-lhe a noção do trabalho, e a obrigação de não recusar a sua quota parte para o bem comum. Para criarmos este espírito de equipa, damos-lhes tarefas que devem ser realizadas por grupos.

Fazendo o confronto entre os soldados das várias nações que entraram na última guerra, afirmava o General Mac Arthur que não eram os filhos do Novo Mundo os mais bravos ou os que maiores qualidades guerreiras possuiam. Neste capítulo, os alemães e os japoneses eram superiores. Mas o que os «Yanquees» tinham em maior grau era precisamente o espírito de equipa, o sentido do trabalho em comum. Depois da superioridade dos aliados em material bélico, foi este espírito, na opinião de Mac Arthur, o que mais contribuiu para a vitória dos aliados.

A criança é espontânea

Respeite-se-lhe a espontaneidade. Não se lhe corte por completo a liberdade. Acrescento a restrição «por completo» porque é necessário pôr limites a essa liberdade. Educadores há, e formam escola, que exigem a liberdade absoluta. A criança é inviolável, um pequeno ídolo a quem nada se recusa. Não é este o melhor caminho. Convém dar já aos pequeninos a noção de que no mundo há limites para a sua liberdade. Aqui eles entram em toda parte, mesmo no escritório. Só nesses livros aí é que não deixo que mexam. Para certos educadores seria um crime. Mas entre as concepções de Rousseau e a cristã há um abismo.

Não se separe a criança da realidade e da vida

Sem brutalidade demos-lhe o essencial para se sentir no nosso

mundo. Quando morreu o Senhor Presidente da República fizemos compreender o que isso significava e levámo-las a rezar para que Nosso Senhor nos desse um bom Governante. E quando se realizou entre nós a reunião do Pacto do Atlântico demos aos mais velhinhos umas noções. E não estranharam. As crianças gostam da verdade. Quando ela não for brutal, dê-se-lhes, muito embora partida aos pedacinhos, que também para elas é alimento.

Cada criança é um mundo

É natural que para uma orientação conveniente se exija no educador o conhecimento tanto quanto possível perfeito de cada criança. Por isso é que os estabelecimentos de educação relativamente pouco frequentados são preferíveis aos grandse «armazéns de meninos».

Não há métodos rígidos. Há almas que como tais devem ser tratadas. Nada de autoritarismos. Só prejudicam.

A criança necessita de um ambiente de carinho e de confiança. Ora como há-de nascer nela a confiança nos outros, se ela própria não é tratada confiadamente ?

Crie-se um ambiente de religião

Consegue-se, dando à criança o sentido do religioso. Mas até na vida de piedade importa não esquecer a simplicidade própria dos pequeninos. A sua vida espiritual há-de ser o mais espontânea possível.

Evitem-se os formulários. Cá em casa não usamos fórmulas. Há só o «dizer a Jesus». Costumamos dar às crianças um minuto para se recolherem e pedirem ao Menino Jesus o que quiserem. Põem as mãos na cara e assim ficam. É verdade que os mais pequeninos espreitam pelos dedos a olhar uns para os outros e de admirar seria que assim não fosse. Mas a pouco e pouco vão-se habituando à ideia do recolhimento e da reflexão.

O centro da piedade infantil é muito naturalmente o Menino Jesus. O menino não faz maldades porque o Menino Jesus e o Anjinho da guarda ficariam muito tristes. Pratica boas obras porque assim lhes dá prazer.

«Eu fiz bem, porque o anjinho da guarda estava tão contente que até batia as palmas» — dizia uma criança referindo-se ao Anjo da

Guarda desenhado num azulejo por cima do seu cabide pessoal. O vestiário é um verdadeiro oratório. De manhã, quando chegam, as crianças dão os bons dias a Jesus e ao seu Anjo da Guarda e, à tarde, lá se vão despedir.

A História Sagrada e a Vida de Jesus de modo especial, constituem o grande centro de interesse. Costumamos explicar aos pequeninos que a história de Jesus é muito diferente das lendas e contos de fadas, por exemplo.

*

* *

Percorremos, depois, as dependências daquele ninho que não é «armazém de meninos». Como as crianças, também nós precisávamos de ver, não para acreditar mas para sentir.

Numa das salas os mais pequeninos. Noutra os médios — os «médicos» como eles dizem. E numa terceira os maiores, aqueles a quem já se fala no que vai pelo mundo e se sentem importantes por isso. Em cada uma das salas, o material didáctico mais completo e interessante.

«A criança é muito diferente do adulto — tinha-nos dito a Sr.ª D. Maria Teresa. É diferente nas reacções, na mentalidade, na constituição física. O problema da alimentação, por exemplo, tem de ser resolvido de harmonia com tais factores».

Pudemos então verificar como eram realizados estes ensinamentos. No refeitório as mesas, cadeiras, louças e talheres, tudo era adequado ao tamanho e aos gostos dos senhores daqueles reinos. Quem chegasse e visse não podia deixar de exclamar: «Aqui impera Sua Magestade a Criança».

ALVES GUERRA



Grandes Figuras do Catolicismo

DANIEL ROPS



Daniel Rops, enfileira junto de F. Mauriac, do P.e Lombardi, e de tantas outras figuras de relevo do pensamento cristão, como um grande escritor, que não pertence ùnicamente à França, mas a toda a Cristandade.

A sua obra é vastíssima.

Ensaísta e crítico, historiador e poeta, romancista e novelista, publicista dos mais fecundos, católico e apóstolo, eis vários dos títulos que verdadeiramente o impõem à admiração do vasto público, e o tornam digno da nossa homenagem.

Daniel Rops é o pseudónimo de Henri Petiot, nascido em 1901.

Concluidos os estudos preparatórios, frequentou as Faculdades de Grenoble e Lyon ficando licenciado em História e diplomado em estudos superiores em 1921.

Um ano depois era nomeado professor de História para o liceu de Chambery, ficando a ser o professor mais novo de toda a França.

Por esta altura, pouco interesse lhe mereciam os problemas religiosos. Tinha sido educado cristãmente na casa de seus pais, onde havia um respeitável Cristianismo de tradição, mas, como a tantos jovens acontece, os anos prometedores da juventude haviam-lhe ofuscado a crença e resfriado o entusiasmo do coração.

Passados seis anos, é transferido para o liceu de Amiens e mais tarde para o de Neuilly, onde regeu a mesma cadeira de História.

Começou pouco depois dos 22 anos a sua ainda não interrompida série de produções literárias dos mais variados géneros.

Na composição destes trabalhos tomou contacto com a insatisfação do homem perante o mundo e a civilização criada por ele.

A esta consideração de ordem geral veio juntar-se outra, que mais de perto o toca; era o drama do seu país.

Em frente destas realidades, Daniel-Rops medita; a dúvida macera-lhe a inteligência, a inquietação invade-lhe o espírito, os problemas de Deus e do homem absorvem-no.

Deus queria-o a combater nas primeiras linhas da sua falange e por isso lhe exige a consagração total de inteligência, vontade e coração. Deus exige pouco, mas esse pouco é tudo. Daniel-Rops apresenta o que tem e dá tudo.

Dissipam-se dúvidas, volta a paz ao espírito, e o já pensador cristão quere compensar com ardor entusista o que durante tão largo tempo tinha negligenciado. É levado pelo zelo, sentido apenas por quem encontrou a verdade, que Daniel-Rops, a partir de 1941, se consagra ao estudo dos problemas religiosos sob os aspectos histórico e crítico.

Daniel-Rops encontra-se actualmente à frente de publicações de alta informação religiosa e intelectual como «Présences», «Ecclesia-Lectures Chretienne», «Readers» e «Philosophie et Religion».

* * *

Já há muito conhecido em Portugal, através dalgumas das suas obras, Daniel-Rops foi convidado a participar activamente no «Congresso Internacional da Mensagem de Fátima e a Paz», convite este a que não pôde aceder por estar já comprometido.

Veio mais tarde (7 a 21 de Nov. de 1951) ao nosso país a convite da «Aliance Française». Semeou entre nós, às mãos cheias, as preocupações que devem agitar um verdadeiro cristão consciente da sua responsabilidade na hora que passa.

Apresentou em Lisboa, Faro, Porto e Coimbra, conferências cujos temas são de actualidade flagrante: — «A Bíblia e a História», «Aspectos Novos do Cristianismo em França» e «Padre de Foucauld, apóstolo do deserto».

Ele passou entre nós, não como simples apreciador de paisagens, ou admirador do nosso folclore e da bizarria de alguns costumes, mas como um companheiro de lutas, contactando de muito perto com a nossa alma, descobrindo-a e dando-no-la a conhecer.

O grande intelectual francês não só descobriu a alma portuguesa, mas também a verdadeira posição histórica do noso país no plano europeu. A Marcel Dany declarou: — «Portugal ocupará na minha obra um lugar de relevo», e numa conferência em Lisboa: — «Os meus amigos portugueses verão nela (1) o seu País no lugar que lhe compete, isto é, num lugar de honra».

Na verdade, se a Fé Católica foi a inspiradora e o sustentáculo do muito que se fez na Europa com projecção feliz para as novas gerações, foi-o também a respeito da fundação da nossa Nacionalidade. Não nasceu Portugal da Cruzada? Não se misturou ao sangue dos soldados de Afonso Henriques o de tantos cruzados ingleses, lorenos, romanos...? Eis o prisma sob o qual Daniel-Rops viu Portugal e o manifestou no seu trabalho, cumprindo com elegância o que generosa mas justamente tinha prometido.

É justo considerarmos, embora de relance, a sua obra literária. Daniel-Rops estreou-se no campo das letras em 1924 com alguns versos publicados em várias revistas. Eduardo Estaunié entusiástica e autorizadamente levantou a voz para lhe dizer que continuasse. Não se enganou ao presagiar-lhe grandes triunfos no campo difícil do trabalho da pena. Dois anos mais tarde (1926), impôs-se à intelectualidade francesa com o ensaio «Notre inquiétude», obra esta por que foi agraciado pela Academia Francesa com o prémio «Paul Flat».

As fronteiras francesas são ultrapassadas e Daniel Rops fica a ser conhecido no estrangeiro depois dos trabalhos críticos — «Sur le théatre de Lenormand» e «Carte d'Europe». É actualmente considerado um dos melhores críticos ensaístas das gerações modernas.

Começa a notar-se uma evolução no pensamento de Rops. Tem dúvidas, angústias e manifesta-as em «Deux hommes en moi» — livro de novelas que mereceu ao autor o prémio «Gringoire».

De 1929 a 1934 publica vários livros, merecendo três deles menção especial: trata-se de «L'Ame obscure», que foi o seu primeiro romance; «Le monde sans àme» e «Mort, où est ta victoire?», onde descreve magistralmente o antigo e sempre novo drama da alma cristã em luta contra o mal. São já prenúncios duma conversão total para a Causa de Deus e da Igreja.

É, todavia, a partir de 1941 que a obra de Daniel-Rops toma especial interesse.

Para melhor servir a Deus, à Igreja, dedica-se a estudos nìtidamente religiosos, e começa a publicar os seis volumes da «Histoire de L'Église du Christ».

As vicissitudes de Israel nos últimos tempos levaram-no a estudar tudo o que de belo, útil e artístico produziu o que outrora foi o povo eleito.

É a lei dos contrastes.

Como resultado de pacientes investigações, apresenta ao público leitor a «Histoire Sainte: Le Peuple de la Bible», que só na França tem já mais de 350 edições.

Não é este um trabalho de especialista, mas síntese criteriosa da história do povo hebreu. Representa o interesse e o amor que o autor dedica à ciência eclesiástica.

Como não podia deixar de ser, a figura de Cristo apaixona-o, e o autor de «Le Peuple de la Bible» escreve o magnífico livro «Jésus en son temps». É através desta obra, que o nome de Daniel-Rops chega a quase todos os recantos da Terra. Servem de comentário os dados seguintes: só em França anda por 450 o número de edições: foi traduzido, pelo menos, para catorze línguas, entre as quais se contam a portuguesa, a grega, a japonesa, a polaca...; S. Santidade o Papa Pio XII dignou-se ler pessoalmente esta obra e achou por bem conferir ao autor a Comenda de S. Gregório Magno.

* * *

Daniel Rops angustia-se ao pensar que o Cristianismo de certos católicos só se pode provar por uma certidão de Baptismo. São cristãos talvez em casa e na igreja, mas não têm uma solução cristã para um problema de Filosofia, para uma questão jurídica, para uma dificuldade cirúrgica.

Reagindo contra esta mentalidade e, uma vez consagrado a Deus e à Hierarquia, o autor de «Jésus en son temps» é lógico e o seu trabalho é ao mesmo tempo obra de historiador, de crente e de apóstolo desejoso de apaixonar o mais vasto público possível pelo seu ideal — — a Causa Católica.

Seja qual for o aspecto que se considere na personalidade de Daniel Rops, aí encontramos ao lado do historiador, do professor, do conferencista o católico e o apóstolo.

O seu Cristianismo não é máscara de deixar em casa ou de usar só em determinados lugares e ocupações, é antes uma segunda natureza, que o faz encontrar sempre uma resposta de Evangelho para as mais variadas conjunturas da vida.

MARQUES DIAS

---

(1) Refere-se à sua então próxima obra «L'Église de la Croisade et de la Cathédral — um dos 6 vols. da «Histoire de l'Église du Christ».

Teixeira de Pascoais

Na sua casa de Amarante, faleceu, há poucos meses ainda, o grande poeta Teixeira de Pascoais, abandonando assim o instável paleo da vida, depois de ter representado, com dignidade e com arte, papel de alto relevo no mundo literário português. A sua pessoa e as suas obras, bem merecem atenção e exame.

Em 2 de Dezembro de 1879, nasceu em Pascoais em Amarante, uma das vilas mais típicas do norte do País, rodeada de mil atractivos naturais, que certamente muito contribuiram para a vocação verdadeiramente cósmica do poeta do Marão. Cursando direito em Coimbra, publicou, ainda estudante, dois livros de inegável valor poético. — «Sempre» e «Terra Proibida» — que lhe mereceram lugar de realce entre os melhores vates contemporâneos. O bom acolhimento destes livros, de tal modo entusiasmou o autor, que foram, na verdade, o início da longa série, que gradualmente foi aparecendo. Assim, em 1903 surge «Jesus e Paz»; 1904 — «Para a luz»; 1906 — «Vida Etérea»; 1907 — «Sombras»; o «Doido e a morte», «Senhora da Noite», «Contos indecisos» e elegias; 1911 — «Marános» e «Regresso ao Paraíso»; 1925 — «D. Carlos», «Cânticos», «Londres», «Sonetos», «Verbo escuro», «A Beira», «O Pobre tolo», etc....

Isto no campo da poesia que no da prosa também não ficou ocioso, dando-nos várias obras como: «A arte de ser Português», «A nossa Fome», «Livro de Memórias», «S.to Agostinho», «S. Paulo», «S. Jerónimo e a Trovoada», etc.... Estes livros, sobretudo os três últimos, têm, no entanto, valor meramente literário, porque os seus heróis são, em geral, desfigurados pela maneira de ver do autor.

De tendências poéticas nacionalistas tentou Pascoais apreender, para depois nos revelar, a essência da raça lusa; assim, e examinando com extremo cuidado, a terna e saudosa candura do nosso lirismo primitivo, acompanhando, passo a passo, o seu constante evoluir e sentindo-o depois brotar, com a mesma frescura, simplicidade e pureza, das grandes fontes líricas nacionais, que foram Bernardino Ribeiro, Cristóvão Falcão,

Camões e todos os grandes nomes que cintilarão para sempre no firmamento da nossa poesia, conseguiu ver na saudade, a expressão mais alta e «a própria alma do génio português». Começa então a defesa da tese estranha — o panteismo saudosista — elaborando uma doutrina cheia de contradições e absurdos, que revela, no entanto, audaz e fecundíssima imaginação, de mãos dadas com uma intuição nada vulgar. Os seus escritos são paradoxais, de penetração difícil e por vezes profundamente metafísicos, oferecendo, logo à primeira vista, uma falta de unidade e uma desordem aparentes, que resultam, evidentemente, da falta de lógica na condução do pensamento e na sistematização das ideias. Atormentado pelos mais graves problemas que gravitam em torno da natureza, do homem, de Deus, do Bem e do Mal, concentrado e recolhido em Si mesmo, é incapaz de longas deduções feitas com raciocínio e com lógica.

Para ele, a saudade, elemento tão característico do povo lusíada, teria nascido da fusão do sangue semita com o romano, quer dizer, do casamento do paganismo com o cristianismo. Não se admitem em seus versos, três reinos da natureza, mas um único reino, no qual a vida vai perpètuamente evoluindo, passando por três graus ou fases. o mais importante dos quais é o espiritual, por conter em si todos os anteriores.

Neste constante evoluir e nesta ascensão perene de tudo, a saudade, que o poeta define como fusão da lembrança e do desejo, é a amorável cadeia, sempre viva, que une as variedades do ser. Assim, «pela saudade-lembrança, liga-se o espírito ao corpo, o corpo ao animal, o animal à planta, a planta ao ser bruto; e pela saudade-desejo, liga-se a pedra à planta, a planta ao animal, o animal ao homem e o homem ao espírito».

Como se vê, a saudade é para Pascoais uma espécie de sangue místico que não pára de circular. A vida é portanto uma contínua e permanente ascenção à plenitude de consciência que se realiza ùnicamente em Deus, para o qual tudo evoluciona. Daqui se conclui que Deus só existe como anseio de saudade, que é simultâneamente desejo dessa plenitude e lembrança do que o homem, o mundo e o próprio Deus foram no princípio, pois a consciência só se realizará plenamente no conhecimento da origem e do fim, bem como no esforço de ascese que permite a contínua ascenção daquele a este.

Por isso o poeta dizia:

«Deus vive... Deus existe...
Em remoto vulto de lembrança
e de esperança...»

*
* *

O homem é o rei da criação, porque é composto de corpo e alma, sendo esta a própria consciência do universo, resumido assim à expressão mais simples, e não passando o pensamento humano de uma síntese magnífica e grandiosa de toda a natureza. Julgo ser isto o que Pascoais deseja significar, afirmando que «a alma não é mais que a transcendente imagem de tudo quanto abrange a luz dos nossos olhos».

Por consequência, o homem é a ponte necessária que liga o material ao divino, realizando-se parcialmente em si, o universo, que só em Deus terá realização plena. Desta maneira, segundo as palavras de Pascoais, «o mundo é negro caos, matéria informe; o homem, um lusco-fusco amanhecente; e o próprio Deus é ainda adolescente» porque não teve, por enquanto, realização perfeita a matéria que criou. No mundo tudo é vida em evolução, ou, o que é o mesmo, tudo é alma em movimento, donde se conclui que, sendo verdadeiras as premissas anteriormente expostas, tudo é substancialmente o mesmo. Quer dizer: entre Deus, uma pedra, um gato e um homem, não há mais que uma diferença acidental, formando tudo uma única substância. Afirmar isto e afirmar que tudo é um, ou antes, que tudo é Deus, deve ser exactamente o mesmo.

*
* *

E aqui temos nós o que mais influi no estro poético de Pascoais, absorvendo-o e dominando-o tão por completo, que se manifesta claramente em qualquer fragmento das suas obras: — o panteismo monista explicado pela saudade. Ele mesmo não tem pejo de nos afirmar expressamente o resultado das suas ilógicas deduções, a conclusão base que dominou, como trave mestra, a sua actividade filosófico-poética, dizendo que «o mundo é Deus num instante da sua vontade criadora». Puro panteismo claramente confessado!... Mas, se tudo é Deus, isto é, se existe identidade substancial entre Deus e o mundo, como se explicará que a mesma substância seja ao mesmo tempo finita e infinita, passageira e eterna, variável e invariável, perfeita e imperfeita, contingente e necessária?!

Pascoais, todavia, não usou a lógica em suas divagações. Tratou de fazer trabalhar a sua inteligência quase puramente intuitiva,, servida por fecundíssima imaginação.

Dotado de poder simbólico deveras extraordinário, começa por relacionar todas as coisas, descobrindo nelas algo de intangível e de além, uma espécie de alma divina, que constituia toda a sua preocupação e desespêro. Para o seu visionarismo excessivo que «afirmava identidades onde não havia senão analogias, certezas onde apenas existiam aparências», qualquer coisa era invulgar e extraordinária, mesmo que a outros olhos, mais lógicos e menos poéticos, tudo se passasse exactamente ao contrário.

*

* *

Todavia, o universo inteiro, criando no poeta um amor verdadeiramente cósmico, com múltipla variedade, diferentes graus de vida e desiguais modos de ser e de estar, não foi, no entanto, o único problema que lhe dominou o coração. O problema do bem o do mal, foi também motivo de divagações sonhadoras, onde às vezes, se distinguem, sem custo, raios de luz, faúlhas peregrinas, a rasgar as trevas do seu abismo.

Como se explica a existência do mal no mundo (fala-se do mal metafísico) e a existência duma Providência divina? De duas uma: ou Deus queria evitar o mal e não pôde, ou podia evitá-lo e não quis. Se o não quis impedir, onde está a sua bondade? Se não pôde, que é feito da sua omnipotência? Para tão grande problema encontrou Pascoais original solução.

Segundo dizem os filósofos, o bem e o ser, em si e metafisicamente, são idênticos, outro tanto se dizendo por conseguinte do mal e do não ser. Daqui se conclui que o mal não pode existir em si, mas sòmente de mistura com os seres, constituindo uma ausência, um limite e uma barreira que os separa do SER que em si inclui todo o BEM, isto é, que possui em grau infinito todas as perfeições. Para se distinguir das criaturas, Deus, infinitamente perfeito, criou uma obra imperfeita, com a limitação do ser, imprimindo nas coisas o mal que as distancia d'Ele próprio. Segundo as palavras textuais do poeta, «a criação, por fatalidade inerente à sua essência, saindo das mãos de Deus, cai em sentido oposto à sua origem divina, como a água que mana constantemente em sentido contrário à fonte!...

Desta forma, duas forças aparecem nas criaturas: o mal — como indicação da sua inferioridade; o bem — como sinal do Criador que as causou. A luta entre o bem e o mal é portanto o conflito perpétuo da vida!... Chegou o momento de perguntar como pode um panteísta que raciocine com lógica, admitir a existência do mal metafísico no mundo, e, por conseguinte, uma *substância única,* limitada na sua essência... Mais uma prova da fragilidade raciocinadora e da potência intuitiva do ilustre poeta.

Continuando porém com as suas deduções, conclui Pascoais que todas as criaturas hão-de ser, «pelo pecado original da sua imperfeição» renegadas e esquecidas pelo Criador.

A criação é o grande pecado de Deus, que se nega nas coisas criadas, sendo o homem, por autonomásia, o sacrilégio divino.

Todavia, embora por inclinação de origem, as criaturas sejam impelidas para uma posição inteiramente oposta a Deus — o ateísmo — conservam no entanto, em si, uma outra força misteriosa — a saudade-desejo, que, nascendo do enfraquecido sinal que permanentemente lhes indica a sua raiz divina, impelindo-as para o Criador, se manifesta, as mais das vezes, por um sentimento religioso, ardendo em ânsias de resistir à inclinação ateia. Deus, porém, teve remorsos do que praticou, tentanto, por meio duma actividade redentora, a regeneração da sua obra e do seu pecado. O redentor vem reformar a obra do Criador, aparecendo assim Cristo, «o remorso divino» pregando aos homens uma estranha mensagem, que há-de renovar o mundo nos seus próprios alicerces. É necessário reanimar o sentimento religioso que se esconde nos corpos, abafado pela matéria, que foge constantemente de Deus. Para isso, uma só coisa se torna necessária: renunciar às criaturas, calcar aos pés a limitação, para depois nos afogarmos saudosamente nos mares sem fim do Infinito Ser. A pobreza e a dor, desligando-nos o mais possível do limitado e do imperfeito, são dois caminhos convergentes que, afastando-nos do mal, nos aproximam do Bem, levando-nos ao conhecimento certo de Deus, de nós mesmo e do mundo.

Há, no entanto, duas categorias de pessoas capazes de dissipar a névoa e a escuridão que por toda a parte envolvem o Criador: — «os poetas com o voo do seu lirismo visionário, e os místicos com o desgaste contínuo da espessura carnal que os envolve». Compreendendo estas teorias, não é difícil penetrar nas paradoxais e absurdas afirmações, que aliás não passam de corolários: o mal é condição do bem; o pecado

é mais fecundo que a virtude, porque, trazendo-nos esta a tranquilidade, carrega-nos ele com o remorso, caminho seguro que nos leva a Deus.

*
* *

São estas, creio eu, as ideias-base que alicerçam toda a obra de Pascoais e que constituem o fundo, mais ou menos realçado, da sua lírica, repleta de nevoeiro e mistério. Em cada verso dos seus, pode notar-se fàcilmente uma ânsia do Infinito, uma verdadeira sêde de fé e desejo de luz, que, por vezes, lhe permitem visões sublimes e claras, de mistura com infantilidades blasfemas. É que Pascoais nunca foi o mesmo.

Se porém, as suas ideias são peregrinas e inaceitáveis para quem tiver a fortuna de possuir um pouco de sagacidade e outro tanto de bom senso, a sua veia poética, incontestàvelmente grande, não pode, a este título ser menosprezada e diminuida.

Pascoais, segundo diz alguém, é o maior poeta português deste meio século e um dos grandes poetas europeus, do seu tempo. Faltando-lhe o sentido da analogia, fàcilmente cai em tremenda amálgama de ideias que o leva direito ao panteísmo. Cria novos conceitos, inflama-se de novo amor, canta na sua lira o Remoto, o Longe, a penumbra, o luar, a saudade, o ermo, a névoa, e a miragem. Não segue o caminho dos outros, porque prefere rasgar a sua estrada, sem fazer caso das gotas de sangue que porventura assinalem os seus passos. Por um estranho dinamismo intelectual, projecta todas as coisas numa tela divina, adivinhando-lhes uma direcção indefenida, um prolongamento constante do ser imperfeito até ao Oceano de Perfeição.

Antes de descrever a natureza, descreve-se a si próprio, e como não encontra em si concatenação de ideias, precisão filosófica, gosto do arrebicado e do baixo sentimentalismo, deixa-nos uma extraordinária obra em que o fio da narração não é lógica, mas em que a sobriedade, a beleza de expressão e a espontânea originalidade, atingem um fulgor raras vezes alcançado na literatura portuguesa.

Cantando o seu lirismo transcendente e dramático, desprezando tudo o que no passado tinha feito a fortuna e a glória de muitos poetas, soube, no entanto exprimir como ninguém o seu pensamento.

Infelizmente a sua obra tão notável é desconhecida em Portugal. Os seus versos porém, emigraram para teras mais hospitaleiras e têm sido saboreados em Holandês, Checoeslovaco, Alemão, Francês, Espa-

nhol e Inglês. Pascoais, esquecido pelos seus, mas ternamente acarinhado por grandes literatos estrangeiros, foi, por iniciativa destes, candidato ao prémio Nobel de Literatura.

Phileás Lebesque, chama a Pascoais, que desde 1923 fazia parte da Academia de Ciências de Lisboa, «um dos primeiros poetas da Península» e alguém sugeriu que o nome do grande poeta devia ser posto ao lado de Camões, Bernardino, Bocage, Antero, João de Deus, Junqueiro e Fernando Pessoa, «gigantes da poesia lírica nacional e grandes poetas em qualquer parte».

Para terminar, acrescento apenas que é tão grande o conceito de que goza nos outros países que o alemão Alfredo Telen estudou de propósito o português, para traduzir as suas obras.

Pascoais morreu... mas continua presente nos seus versos, expressão fiel da sua vida atribulada.

ANTÓNIO TEIXEIRA DE SOUSA

Chamam por mim os Longes.... Tentação!
A sombra do Remoto entolda a voz do vento....
Fumo do Lar, subindo à tarde, em oração
vai abraçado a ti meu pensamento.

(«SEMPRE» — «Longe de tudo»)

Da Iconografia Cristã...

O PAVÃO

Quem desce às catacumbas descobre, a cada passo, uma figura emblemática, que o estilete gravou num sarcófago exaltando o martírio, aludindo à ressurreição ou significando Cristo. É o peixe, a âncora, a palma.

Para efectuar esta obra decorativa aproveitaram-se motivos naturais da fauna ou da flora.

Além do simbolismo, o ornato seria naturalmente belo.

O pavão pelo encanto e colorido da cauda é a raínha das aves. Nada mais natural que a sua presença seja frequente nas catacumbas. Toma as atitudes mais variadas: — aparece só, em grupo afrontado ou juntamente com pombas.

A beleza e o brilho multicolor das suas penas fez advertir no fenómeno que nele se opera anualmente. No inverno deixa a plumagem, para dela se revestir na primavera. Facto vulgar entre as aves, mas em nenhuma contraste tão frizante.

O pavão torna-se símbolo da ressurreição dos corpos.

S. António de Lisboa o exprime num dos seus sermões: «Na ressurreição geral, em que todas as àrvores, isto é, todos os santos, começam a reverdecer, este pavão (que é o nosso corpo) tendo rejeitado as penas da mortalidade recebe as da imortalidade».

Num fresco, em S. Calixto, onde o pavão é representado sobre um globo e cauda em círculo, o artista quis expressar o mesmo pensamento: — o globo é a terra, que o corpo ressuscitado deixou.

Os judeus e gnósticos utilizaram o pavão, como puro ornato simbolizando a primavera. Mas a frequência e sobretudo a maneira de o apresentar, entre os primitivos cristãos, mostram que estes já lhe atribuiam o simbolismo fixado pela tradição. S. Agostinho nota que a carne desta ave é incorruptível. Por isso figura a imortalidade.

Este símbolo litúrgico esquecido pela decoração moderna é tema rico e significativo para as alfaias, frescos e até vitrais.

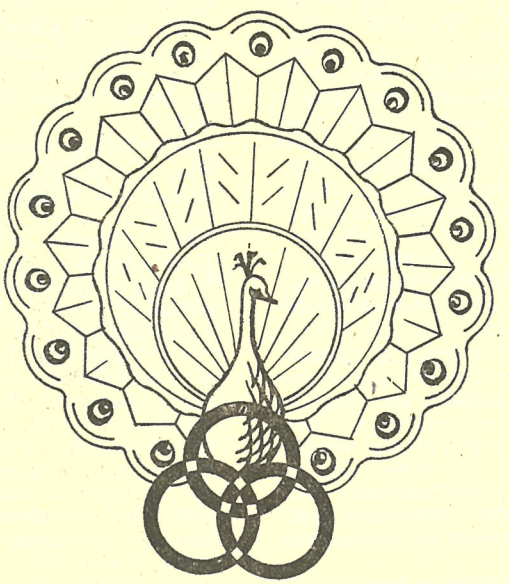
A arte deve adaptar-se ao culto e não o culto à arte. Por este princípio básico, a pintura romana em declínio foi sublimada nas catacumbas. Os motivos mais triviais adquiriam feição nova.

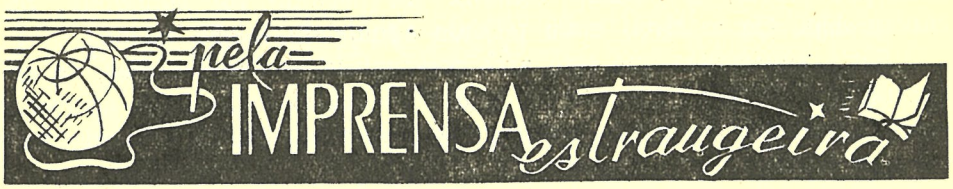
Seria anacrónico que esta arte ressurgisse, em nossos dias, na sua execução primitiva e decadente; muito ao contrário importa acomodar esses materiais ao gosto moderno, em formas graciosas, onde haja também alma e pensamento.

Respeitando o sentido artístico contemporâneo, podemos dar ao símbolo de que nos ocupamos um aspecto sóbrio de pequenos círculos desenvolvendo a cauda ou alongá-lo de perfil em pormenorizado matiz.

O pavão recordar-nos-á a vida futura quando o pincel do artista ou a agulha da bordadora transmitirem ao símbolo material a espiritualidade que vivifica.

B. SANTOS





A Missão de Lens -- Robert Rouquette — Études, Janeiro 1953.

As missões realizadas em terras cristãs, mas de cristianismo medíocre ou em via de desaparecimento, foram em tempos passados meios admiráveis e adequados à conversão das massas indiferentes, e fomentadoras de forte renovação católica.

Tais missões, de eficácia provada na recristianização e intensidade de prática cristã em todo o século XVII, sê-lo-ão ainda hoje?

O Cardial Saliége, escrevia em 1946: «As missões têm que ser renovadas na sua maneira de ser. Esta não corresponde ao clima (actual)».

A finalidade principal das missões do interior é a conversão dos descrentes e não praticantes. Ora nos nossos dias tais conversões são raras, pela razão simples de que o missionamento atinge o meio paroquial habitual, ficando a grande massa dos indiferentes ou incrédulos, fora do seu campo de acção.

Como obviar a tal inconveniência? Foi o P.e Motte, franciscano, quem deu a solução à adaptação das missões ao nosso tempo.

Assim, fugindo ao método da missão clássica — cujo objectivo era a conversão directa dos incrédulos ou simplesmente visava a intensificação da vida religiosa dos fieis, o P.e Motte orienta a missão no intuito «de fazer sair os praticantes do seu individualismo e suscitar nas comunidades paroquiais militantes capazes de revelar o cristianismo aos incrédulos».

Não se limita portanto ao trabalho de despertar sòmente as almas, mas como ele diz, de «plantar a Igreja» deixando depois da missão «uma rede de instituições pastorais permanentes».

A missão deixa de ser paroquial, para se tornar regional, devido às inter-relações existentes entre as diversas paróquias duma mesma região, tornando-se assim possível a instituição de meios permanentes de evangelização de longo alcance.

A missão realizada em Lens, de 9 a 30 de Novembro de 1952, demonstrou sobejamente a eficácia do novo método. Teve 3 fases: uma na igreja, outra de carácter especializado e a terceira nos bairros.

Na missão clássica, tinha-se em vista procurar uma assistência numerosa às pregações realizadas na igreja ou às conferências que tinham lugar noutros locais.

Em Lens, «renunciou-se a toda a propaganda exterior; os sermões constituiram por si uma espécie de retiro destinado a tornar os fieis participantes duma religião menos individualista e mais comunitária, mais comunicativa».

Recurso às paraliturgias e festas tradicionais, como concretização do ensino, e sua assimilação.

Os temas da pregação foram também renovados. Em vez de se considerar a salvação como problema meramente individual, vinca-se o seu carácter universal. Insistência da ideia de que «Cristo é o mensageiro e obreiro da salvação de todos os homens, e do apelo que o Senhor faz a todos os cristãos de participarem activamente durante a sua vida, na cristianização dos seus irmãos, nos seus próprios meios naturais».

A moral, com a mudança de vida e costumes, não é menosprezada, mas surge como consequência inevitável e exigência entusiasta da adesão a Cristo Salvador.

A missão feita nestes moldes, apresenta a religião como algo de novo, não no sentido «duma rotura com a tradição, mas como revelação do aspecto mais dinâmico e autêntico que contém a fé».

Simultâneamente com a missão pregada na igreja, realizaram-se reuniões de especialização, espécie de retiros destinados aos sujeitos das diferentes profissões ou meios de vida: engenheiros, médicos, comerciantes, empregados superiores, alunos de cursos secundários, etc..

O fim sempre o mesmo: «abrir estes meios ao apostolado e suscitar neles uma organização temporal ou espiritual».

A pregação na igreja e a maioria das missões especializadas realizaram-se normalmente nas duas primeiras semanas. A terceira semana foi dedicada especialmente a retiros de militantes, e formação de grupos especializados de leigos para a evangelização.

Nesta semana realizou-se também a última fase da missão: a missão «dos bairros».

Ainda que as reuniões nos bairros não sejam acontecimento novo, contudo tiveram na missão de Lens um papel importante: criar na paróquia uma federação de pequenas comunidades estáveis.

Foi por esta missão nos bairros que se pretendeu alcançar a finalidade da missão: atingir os não-praticantes, e de modo especial agregá-los a uma espécie de catecumenato permanente».

Foi preparada com antecedência pela obtenção da licença indispensável para se penetrar nas casas.

Começou-se pela visita a todos os lares, feita pelo missionário encarregado do bairro. Nestas visitas rápidas, o missionário encontra alguns lares praticantes dispostos a espalhar a fé; os seus donos convidam alguns vizinhos para uma reunião em sua casa ou numa outra casa do bairro. Nestas reuniões de evangelização, procura-se apenas um simples contacto com o padre, em que as pessoas apresentam os seus problemas, as suas angústias, anseios e preocupações. E assim se estabelece uma base para o anúncio «profético de Cristo» e da sua mensagem.

Outra espécie de reunião, é a dos militantes do bairro para estudo dos problemas de evangelização.

Estas «comunidades de bairro» têm diversos objectivos: «continuarão a ser reuniões de oração e evangelização, espécie de catecumenato em que os cristãos incapazes da vida sacramental e de culto, impossibilitados ainda de compreender o mistério eucarístico, serão iniciados na caridade de Cristo, na Sua mensagem, e pouco a pouco receberão a formação necessária para participarem do Sacrifício Eucarístico».

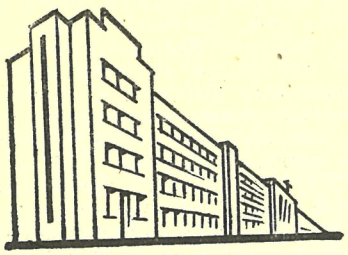
Toma também a seu cargo os interesses temporais do bairro por «uma realização concreta da fraternidade activa do cristão».

Esmola, ajuda discreta, visita dos doentes, alojamento dos que não têm lar, eis os meios de actuação.

A experiência realizada em Lens provou suficientemente a eficácia da missão no século XX, convenientemente adaptada aos meios e necessidades locais.

Está em via de se tornar um dos meios mais eficazes para a implantação do reino de Deus e «reforma à pastoral ordinária, sem grande aparato revolucionário».

HUGO DE CARVALHO



CRÓNICA

Pelo regresso dos transviados

É com todo o empenho que imploramos, durante o Oitavário, o regresso dos cismáticos. Não porque julguemos o seu afastamento, comprometedor da Unidade da Igreja — essa é inatingível — mas porque singularmente nos angustia ver quem pense seguir a Cristo, percorrendo caminhos que a Ele não conduzem. Partem da caridade as nossas orações, caridade que reflecte inquietação por eles e nunca consciência de insegurança nossa.

O Círculo Missionário proporcionou-nos a visita do Rev.mo P. Knoll, austríaco, professor nas Oficinas de S. José que expôs alguns aspectos do Protestantismo na Europa central.

O Coro Polifónico colaborou nessa pequena sessão. Apresentando o suplicante «Ut omnes unum sint» do P. Pascal e o triunfal «Cantate Domino» de Witteberg interpretou musicalmente os sentimentos da semana.

A Mons. Ferreira da Silva ficámos a dever a projecção do filme «A Seara é grande», realização magnífica, que consagra na «tela» o zelo missionário espanhol. Em semelhante campo aos portugueses também sobejam motivos....

Verdades Fortes

Por mais duas vezes veio Sua Eminência até junto de nós, para se fazer eco das directrizes do Santo Padre, nomeadamente da exortação «Menti Nostrae».

Insistiu nos aspectos humanos da nossa resposta à vocação. O trabalho a empreender está longe de consistir num esforço sistemático de anulação ou amesquinhamento (cavalo de batalha nos remoques dos anti-cristãos) mas, pelo contrário, num constante valorizar das genuinas qualidades humanas que a graça, depois, longe de destruir, eleva e diviniza.

Sua Eminência nomeou e desenvolveu de maneira admirável os três pontos concretos indicados pelo Santo Padre: a capacidade de julgar, o gosto das responsabilidades e o espírito de iniciativa.

Frisou, depois, a importância do regulamento disciplinar neste ingente trabalho de valorização. Será poderoso auxiliar, se consciente e generosamente cumprido, e vírus mortífero se apenas suportado.

Sobre a vida de piedade ouvimos dois preciosos esclarecimentos. A piedade deve ser viva, consciente, activa, pessoal, o que não implica atitudes efeminadas ou de qualquer modo artificiais. Piedade Litúrgica não é formalismo: «Entreguemo-nos humanamente, não mecânicamente....»

Dia do Padroeiro

Aos polifónicos e «brigada» de cerimónias foi concedido ir honrar S. Vicente à Catedral da própria cidade que O tem por patrono. A Sé ostentava a pompa dos dias únicos.

Estiveram presentes as autoridades civis, que trouxeram consigo o estandarte da cidade em que figuram os célebres corvos da tradição.

O coro polifónico cantou a Missa de Valdez, decalque harmonizado sobre o Kiriale De Angelis.

No dia da Purificação de Nossa Senhora voltámos à Sé, que iluminámos com o clarão das nossas velas, símbolo de Cristo: «Lumen ad revelationem gentium....»

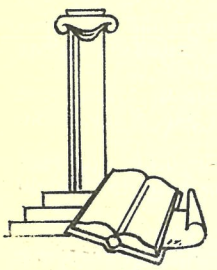
Coadjutores espirituais

O facto de a oração constituir a actividade própria dos membros activos, não impede que estes se dediquem, como tem acontecido, ao estudo de diversos problemas, normalmente relacionados com a Pastoral e o Sacerdócio. É mesmo um bom meio de estimular o interesse.

Merecem referência àparte os dois inquéritos interessantíssimos, um sobre o Decreto dos Espectáculos *e outro a respeito do* Clero Secular e Regular, *que foram estudados e respondidos em sistema de «équipe».*

Mário Merendeiro e Francisco Graça apresentaram em sessões diferentes a súmula das respostas, estabelecendo e justificando a doutrina dos assuntos debatidos.

A Academia.....



.... continua de vento em popa.... Nos Teólogos *sucedem-se os temas que julgamos de grande alcance instrutivo, pois vêm dar resposta e solução às mais prementes interrogações dos tempos que atravessamos.*

O simples mencionar dos títulos justificará os encómios: «A descristianização da classe operária e nós» (por António Guerra), «Monopólios, Trusts e Nacionalizações» (por Vítor Robert).

Como se vê, não é de inconsciência ou menosprezo a nossa posição perante os problemas sociais. Ou não vivêssemos nos séculos do industrialismo, das Encíclicas, da Acção Católica....

Em segundo plano, mas não menos oportunamente, João da Conceição falou-nos do «Movimento Ecuménico» e Guilherme Simões facultou-nos alguns dados da biografia e actividades dos Cardeais Franceses de maior projecção.

O torneio cultural entrou em nova fase. Os premiados da 1.ª Época foram António Baptista, António Leitão e Francisco Graça.

Coube também a António Baptista o prémio destinado ao melhor projecto para a capa da nossa revista. O seu desenho transformou-se na bela gravura que a nossa capa ostenta desde Janeiro.

*
* *

As sessões dos Filósofos *têm sido notáveis pela actualidade dos assuntos ventilados e pelo elevado ambiente de seriedade e compenetração em que decorrem.*

Alfredo Cunha referiu e fundamentou os direitos inalienáveis de Deus sobre a vida humana, ao focar o problema actualíssimo da Eutanásia.

Da última vez o académico Teixeira de Sousa analisando o substracto filosófico da poesia de Teixeira de Pascoais, localizou o erro da célebre e sedutora teoria da Criação, o pecado de Deus, e de Cristo, o remorso de Deus.

Ordenações

Para todos os que receberam ordens o dia 22 de Fevereiro representou, em concreto, mais um passo em frente no rumo que os conduzirá à definitiva Imposição das mãos *no Presbiterado. Para os 13, ordenados Diáconos, pouco tempo os separa desse alvo último, razão e fim do seu longo labutar de 12 anos.*

Bastantes foram investidos nos cargos correspondentes às Ordens Menores e ainda outros entraram na família dos clérigos, pela recepção da Prima Tonsura.

A. TAVARES

O Livro do Mês

"Descoberta do Amor"

— Carlos Bordet

Prefácio do Dr. Narciso Rodrigues. Edições Jac, Lisboa, 1953

Já estamos muito longe do tempo em que se considerava a castidade como flor tão admirável e preciosa que não poderia sair da estufa para arejar.

O mundo já não é o mesmo e actualmente são raros os que podem dar-se ao luxo de passar os anos da juventude numa estufa preservativa que os livre de intempéries.

O rapaz que aos 13 ou 14 anos é atirado para o ambiente corrompido de uma fábrica ou oficina, como aliás todo o aluno dos nossos Estabelecimentos de ensino oficial e particular, têm eles próprios de conquistar a sua castidade.

Pureza não significa ignorância, já se disse e repetiu. É fruto de uma luta viril e sem tréguas que exige antes de mais, o conhecimento exacto da sua situação no mundo. Conquista-se de olhos abertos.

Nessa orientação vem alinhar «Descoberta do Amor», pequeno opúsculo de cem páginas, auxiliar precioso dos jovens trabalhadores que desejam construir um mundo novo, aberto e cristão.

Sem ser atrevido, traz algo de novo ao nosso meio.

A 1.ª parte ataca de frente o aspecto físico da crise da puberdade. Parece-me impossível mais delicadeza, dessa delicadeza que não esconde as realidades nem as disfarça. Não há nada a mais nem a menos. Tudo o que era preciso e apenas o que era preciso.

Analisa-se em seguida o aspecto sentimental da crise. E não faltam admiráveis intuições sobre a psicologia do amor.

Finalmente marca-se uma orientação bem concreta sobre o modo de atravessar as dificuldades vitoriosamente.

Por isso este volume, o 1.º da Colecção «Despertar» é um guia seguro para os rapazes do nosso tempo que querem vencer, mas na luta e de olhos abertos.

Na vida tudo tem um sentido. E as lutas que esperam um rapaz ao longo do caminho fazem parte do plano de Deus para a sua juventude. Esta visão do problema, bem integrado na harmonia total da existência e o tom com que o Autor soube dirigir-se à psicologia dos rapazes operários que gostam de se ver tratados já como homenzinhos conferem a esta obra especial interesse.

Assim ela se dirige a qualquer rapaz, desses que por nós passam todas as manhãs, de lancheira na mão, a caminho do trabalho.

A. JORGE

TRANSPORTES SIMÕES

Telefones { 5 4012 / 5 1594

José Simões

Transporte para qualquer parte do País

Rua Pascoal de Melo, 58—LISBOA

SOCIEDADE INDUSTRIAL METALÚRGICA

R. L.

SERRALHARIAS

Rua de S. Tiago, 13 — LISBOA

C. SANTOS

LANIFÍCIOS

Sortido completo de lanifícios para o Rev.mo Clero, Seminaristas, Colegiais, etc.

Qualidades para todos os preços — Exclusivos — Secção de cachecois e lanifícios de cor

DESCONTOS E PRAZOS

COVILHÃ

Cafés
Chás
Farinhas
Cevadas
Chocolate
Cacau
Pudins
Flocos de Aveia

O melhor que se produz e se prepara, é o que vende

A Mariazinha

Casa especialista de Cafés, Chás e Farinhas

Lisboa
Rua Barros Queiroz, 28

Porto
Rua de Santo Ildefonso, 415

Pratas de arte, jóias
bronzes artísticos
pratarias para o culto

realizadas pela célebre
OURIVESARIA ALIANÇA
nas suas oficinas próprias
e muito bem organizadas.

Fornecem-se orçamentos

Preços módicos

OURIVESARIA ALIANÇA

CELESTINO DA MOTTA MESQUITA

Proprietário

Sede:

Rua das Flores, 191 a 211

PORTO

Filial:

Rua Garrett (Chiado), 50

LISBOA

Trabalho da Nação
para a
economia da Nação



Um esforço diário de
800
PORTUGUESES

SACOR
EM LISBOA E EM TODO O PAÍS

MÁRMORES
E CANTARIAS
Pardal Monteiro, Limitada
(Casa fundada em 1888)
Sede e instalações industriais:
PERO PINHEIRO
EM LISBOA:
Est. de Benfica, 167 a 171 (Sete Rios)
Telefones: P. P. 18 e 74307

CASA Fânzeres
Oficinas de Imagens, Pinturas, Douramentos, Altares, Tribunas, etc.
Restauros, Telas, Cetins e Estandartes
ARTIGOS DE METAL
Rua do Souto, 134 — BRAGA
Tel. 2704

Livraria e Papelaria Moderna — Machado & Ribeiro, L.da — Livraria Católica Portuense
LARGO DOS LOIOS, 50 — PORTO — TELEFONE, 2 5156
Grande sortimento de livros religiosos tanto nacionais como estrangeiros
Missais, Breviários e todos os demais livros litúrgicos
Religião, Naturismo, Romances, Moral, Direito, Engenharia, Máquinas, Arquitectura, Navegação Música, Veterinária, Estudo, Educação, Ciências, História, Medicina, Higiene, Cozinha, Comércio, Agricultura, Receitas, Indústrias, Artes e Ofícios, Velocipedia, Ginástica, Natação, Fotografia, Leitura popular, Poesias, Teatro, etc. Gramática Portuguesa por José Maria Relvas, 14$50=Gramática Francesa pelo P.e Conceição Cabral, 30$00 História da Literatura Portuguesa pelo P.e Alfredo de Aguiar, 10$00=Jesus ao Coração do Jovem pelo P. D. Zama Mellini, 16$00=Perguntas e respostas concisas e familiares às objecções mais vulgares contra a religião por Monsenhor de Ségur. 16$00 - Caminho da Perfeição por Santa Tereza de Jesus, 16$00—Mês das Almas do Purgatório pelo Abade Berlioux, 15$00 Fundamentos e explicação doutrinal da Ladainha do Coração de Jesus pelo Dr António Ferreira Pinto, 10$00—Parábolas de Jesus Cristo pelo Dr. António Ferreira Pinto, 12$50—Ofício de Nossa Senhora em português e latim, 12$00 Beleza e Grandeza do Sacerdócio, pelo P.e Quillard, 25$00—Manual das Noviças, 16$00
Material Escolar ——— Peçam catálogos indicando o género de livros

SOCIEDADE POLLUX, L.da

Grandes descontos para revenda

Quinquilharias, Bijouterias, Cutelarias, Brinquedos, Novidades Nacionais e Estrangeiras.

132, 1.º, Rua da Palma, 138

Tele. { fone: 22293 / 23668 / gramas Pollux **LISBOA**

SOCIEDADE EDITORA ALA ESQUERDA L.DA

Composição e impressão de Jornais, Livros e Revistas

Trabalhos Tipográficos em todos os géneros

Telefone. 268 – BEJA – Apartado 25

(Oficinas Gráficas da Diocese)

Viúva Macieira & Filhos

Fábrica de papel para escrever, impressão e embrulho. — Armazém de papeis nacionais e estrangeiros **e papelão — Papelaria**

Trabalhos tipográficos em todos os géneros

Telefones: { *Escritório* : **31721** / *Papelaria* : **31722**

R. da Madalena, 10 a 22 - Lisboa



Se não vê...

Se não vê bem será bom consultar um especialista. Depois... depois venha à nossa casa onde encontrará as melhores lentes e armações.

HORÓPTICA, LDA

Rua de Santa Justa, 27

DESCONTOS AO REV.MO CLERO

TOSSE ?



HORAS CALMAS

COM

BENZO-DIACOL